

Viagens reais e imaginárias: história, ficção e literatura hoje

*Real and imagined journeys: history, fiction, and
literature today.*

Paulo César Silva de Oliveira*

Submetido em 28 de março de 2011 e aprovado em 3 de maio de 2011.

Resumo:

A ficção que toma as narrativas de viagens como traçado inicial para uma reflexão abrangente das relações entre história e ficção inserem o dado autobiográfico no questionamento dos limites e alcances dos campos discursivos. Este trabalho apresenta considerações acerca dessa relação tripartite a partir da leitura comparada das obras de Bruce Chatwin e Bernardo Carvalho e suas interseções com as narrativas históricas.

Palavras-chave:

História. Ficção. Viagens.

Abstract:

Fiction that adopts the travel narrative as an initial outline for a comprehensive reflection on the relationship between history and fiction introduces the autobiographical element to the discussion on the limits and scope of the discursive fields. This paper presents considerations about this tripartite relationship from the comparative reading of the works of Bruce Chatwin and Bernardo Carvalho, and their intersections with the historical narratives.

Keywords:

History. Fiction. Travel.

Introdução

Para o saber histórico, os relatos de viagens constituem documentos de evidente importância para a compreensão do passado.

* Doutor em Ciência da Literatura – Poética, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto de Teoria Literária da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (RJ) e professor Titular de Teoria da Literatura da Uniabeu (RJ). Publicou *Poética da distensão: entre a transcrição da paisagem e a escritura do caminho*. Manaus: Muiraquitã; Concultura, 2010. Contato: paulo.centrorio@uol.com.br.

Para o saber da literatura, as narrativas de viagens, compreendidas como documento, provocam outros centros reguladores, sem deixar também de incorporar a ideia de diálogo com o passado ou mesmo, em certo sentido, com o pensamento tradicional acerca da reconstituição histórica. Nas obras ficcionais, as narrativas de viagens incorporam uma personagem problemática a essa relação entre história e literatura: a figura do autor. O viajante, como senhor do discurso que estrutura um relato e actante deste mesmo discurso, faz parte do traço e do traçado, ou seja: participa como ator daquilo que narra, mas o narrado pressupõe alguém em uma situação de exterioridade, e esse paradoxo explica, define a posição paratópica por excelência do criador.

No que toca à reflexão em torno das relações estabelecidas entre literatura, história e autobiografia, esse *locus* impreciso é, no entanto, uma fonte de preciosos ensinamentos, mas também de muitos enganos, desvios e distorções. Estabelecer um conhecimento acerca das possibilidades de entendimento de um discurso em comum que possa alinhar certos pressupostos, ainda que iniciais, em torno dessas especulações, é o objetivo deste artigo.

Não haverá de nossa parte pretensão de esgotamento do tema, nem de uma proposição de tese. O trabalho quer estabelecer um diálogo com as linhas de força que pensam os fenômenos da criação literária materializados pelo que chamamos de “viagens reais e imaginárias”, desde já sabendo da aporia que ronda o título do trabalho, a saber, as distinções entre real e imaginário. Já se coloca a reflexão, a partir daí, em um terreno perigoso, pois pressupõe certos delineamentos disciplinares que a investigação pretende desembaraçar.

Se pudermos resumir as pretensões deste trabalho de forma mais específica, diremos que: esta reflexão tem como objetivo estabelecer uma leitura comparada do romance *Nove noites*, de Bernardo Carvalho¹ a partir do diálogo crítico com as narrativas de Bruce Chatwin². Bernardo Carvalho, autor brasileiro de reconhecida representatividade no cenário ficcional contemporâneo, é autor de obra cujo viés e flerte com a etnografia são bem marcados pelos deslocamentos espaciais, territoriais, geográficos e históricos que formam sua matéria literária. Do mesmo modo, Bruce Chatwin, autor inglês falecido em 1989, construiu uma narrativa em que ficção, história e autobiografia caminharam lado a lado. Reconhecida como um intertexto privilegiado, no romance *Nove noites*,

¹ CARVALHO, Bernardo. *Nove noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

² Ver, especialmente, CHATWIN, Bruce. *In Patagonia*. London: Vintage Books, 2005. CHATWIN, Bruce. *The Viceroy of Ouidah*. London: Vintage Books, 2005. CHATWIN, Bruce *Anatomy of restlessness*. London: Penguin, 1997.

de Bernardo Carvalho, a obra de Chatwin nos leva a questionar uma série de pressupostos, dentre os quais destacaremos as relações entre história e ficção; narrativa ficcional e narrativa histórica; biografia e autobiografia; relatos de viagens e imaginação criadora; ideologia e discurso. Não por acaso, chamaremos ao debate duas disciplinas que dialogam, por vezes em aliança e, em outras ocasiões, em campos opostos: a Teoria Literária e a História. Dando continuidade a uma já extensa série de investigações³, este artigo discutirá de que forma a análise comparada das obras de Chatwin e Carvalho desafiam a Teoria Literária hodierna a dar “respostas” às “provocações” das narrativas ficcionais contemporâneas, o que requer uma obrigatória interseção com a história e seus saberes.

Portanto, articular campos de saberes para questionar e investigar o arenoso terreno da ficção, em particular, e da literatura, mais amplamente, significa aqui dialogar com as paixões críticas contemporâneas, que procuram destacar especificidades e aproximações, mas também se ancoram em certa impermeabilidade quanto à quebra de paradigmas estabelecidos. Neste ponto, será necessário um breve percurso crítico-teórico e metodológico, por meio do qual expandiremos o proposto diálogo.

³ Sobre o tema da pesquisa em curso, temos publicado diversos trabalhos em vários órgãos de divulgação de pesquisa, tais como: OLIVEIRA, Paulo César Silva de. A literatura brasileira dos anos 90 e de hoje: multiculturalismo, globalização e as principais linhas de força da contemporaneidade. *Revista Eletrônica Cadernos da FaEL*. Rio de Janeiro, Editora da UNIG, v.1, n.2, 2008, p.79-88; OLIVEIRA, Paulo César Silva de. Ética e responsabilidade: nação, narração e globalização na literatura contemporânea. Estudos comparados. *Revista Eletrônica Cadernos da FaEL*. Rio de Janeiro, Editora da UNIG, v.1, n.2, 2008, p.68-72; OLIVEIRA, Paulo César Silva de. Consciência crítica e ficção contemporânea. *Vertentes*. São João Del Rei, MG, v. 30, 2007, p.11-23; OLIVEIRA, Paulo César Silva de. Literatura, crítica e saber na esfera multiculturalista. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. São Paulo, Abralic; USP, v.11, 2007, p. 1-15; OLIVEIRA, Paulo César Silva de. Que narrativa, que história? Sobre a errância na prosa de Bernardo Carvalho. In: XI ENCONTRO REGIONAL ABRALIC. 2007, São Paulo: *Anais do XI Encontro Regional Abralic*. São Paulo: USP; Abralic, 2007, p. 1-10; OLIVEIRA, Paulo César Silva de. História em ruínas no jogo ficcional: a escritura radical de Bernardo Carvalho. In: IX CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC. 2004, Porto Alegre: *Anais do IX Congresso Internacional Abralic*. Porto Alegre: UFRGS; Abralic, 2004, v. 1, p.1-8; OLIVEIRA, Paulo César Silva de. Inclusão, exclusão e as novas vozes da prosa de ficção brasileira. In: 14º COLE. 2003, Campinas, SP: *Anais do 14º COLE*. Campinas, SP: UNICAMP; Graf. FE; ALB, 2003, p. 01-06; OLIVEIRA, Paulo César Silva de. Estados da Teoria Literária: memória, identidade, sociedade. *Escrita*, Rio de Janeiro, Uniabeu, v.1, p. 47-65, 2010; OLIVEIRA, Paulo César Silva de. No aqui e agora da ficção brasileira: uma leitura de *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho. *Revista Uniabeu*. Rio de Janeiro, Uniabeu, v. 3, p. 57-69, 2010; OLIVEIRA, Paulo César Silva de. Ficções do refugio humano: leituras comparadas de Clarice Lispector, Rubens Figueiredo e J. M. Coetzee In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DO NUCLEAS. 2010, Rio de Janeiro: *Anais II Congresso Internacional do Núcleo de Estudos das Américas*. Rio de Janeiro: UERJ; NUCLEAS, 2010, v. 1, p. 1-11.

Breve percurso atual das relações entre história e ficção

Em sua *Introdução à historiografia da literatura brasileira*, Roberto Acízelo de Souza⁴ nos mostra que a existência de uma literatura brasileira como matéria de ensino não é um fato natural, é antes “uma construção histórica, encetada após a Independência e concluída nas imediações da proclamação da República”. Em suas conclusões iniciais sobre a institucionalização da literatura brasileira, Acízelo, com propriedade, nos lembra que a literatura, “tendo sido arquitetada sob as condições de certo tempo, deve-se admitir a possibilidade de sua ultrapassagem”. Esse momento de ultrapassagem talvez já possa estar sendo configurado, conforme a interrogação do crítico: “Aliás, não será hoje o que se anuncia, mais de cem anos depois de consumada sua institucionalização, com o retraimento dos nacionalismos ante a pressão, sobretudo, econômica da chamada globalização, cujo análogo acadêmico parece ser a voga da literatura da literatura comparada”⁵. Essas questões são fundamentais, na medida em que abordar a questão da Teoria Literária hoje implica discutir o suposto fim da literatura como atividade do espírito, por um lado, até as tentativas de renovação dos campos de investigação crítico-literária, por outro. A “voga” da literatura comparada, como bem apontou Acízelo, parece ser, nesse aspecto de renovação, se não a mais transparente, a mais atuante no panorama atual da Teoria.

Uma reflexão sobre estatutos da literatura e da Teoria Literária de hoje se abre para duas vertentes essenciais: de um lado, entende-se que a literatura contemporânea, na “era da globalização”⁶, demanda certas ‘respostas’ da Teoria; de outro, constata-se que o estatuto dessas respostas está condicionado aos próprios rumos da Teoria em sua tentativa de renovação e afirmação de seu papel e relevância no cenário literário. Nesse sentido, toda a especulação teórica traça, necessariamente, determinados percursos críticos nos quais a aventura teórica, conforme a bela imagem de Antoine Compagnon, está carregada de certa nostalgia, bem traduzida pela pergunta: “o que restou de nossos amores?”⁷.

À explosão teórica dos anos sessenta e setenta do século XX, seguiu-se um processo de institucionalização da teoria, transformada, em grande parte, em técnica pedagógica, método, cujo período de declínio

⁴ SOUZA, Roberto Acízelo de. *Introdução à historiografia da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, p. 27.

⁵ *Idem*, p. 27.

⁶ Ver: SAUSSY, Haun (Ed.). *Comparative literature in an age of globalization*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2006.

⁷ COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, p. 11.

Compagnon situa na década de 80. A Teoria Literária contrastaria com a prática da crítica e história literárias, sendo a própria Teoria uma espécie de crítica da crítica, opositiva, analítica e especulativa, reflexão sobre reflexão⁸. Entretanto, mesmo reagindo contra o que chama de “práticas antiteóricas”, o campo da teoria não se tornou imune ao clichê e ao senso comum, daí a importância de se reavaliar o universo da teoria sob condições renovadas. Este processo requer, diz Compagnon, o restabelecimento da ideia de teoria: “Cabe à teoria da literatura esclarecer essas hipóteses habituais, a fim de que saibamos melhor o que fazemos quando o fazemos”⁹.

Se hoje é factível a inclusão das discussões acerca da questão das minorias, dos marginais, dos discursos periféricos, precisamos, em contrapartida desenvolver reflexões teóricas capazes de problematizar com mais propriedade as formações dos cânones, dos processos de inclusão e exclusão, conforme lembrado por Roberto Acízelo de Souza, ao tratar da constituição de campos de saber, como no caso da historiografia nacional: menos um percurso natural e mais uma espécie de construção, cujos princípios ideológicos estão bastante próximos da noção de “comunidade imaginada” proposta por Benedict Anderson¹⁰, quando diz que:

[...] I am not claiming that the appearance of nationalism towards the end of the eighteenth century was ‘produced’ by the erosion of religious certainties, or that this erosion does not itself require a complex explanation. Nor am I suggesting that somehow nationalism historically ‘supersedes’ religion. What I am proposing is that nationalism has to be understood by aligning it, not with self-consciously held political ideologies, but with the large cultural systems that preceded it, out of which – as well as against which – it came to being¹¹.

O estudo da literatura contemporânea, na forma aqui proposta, como uma espécie de ‘provocação’ à Teoria, se nutre de uma dupla vertente: incorpora contribuições do Estruturalismo e da chamada análise estrutural, apoiada nas assim nomeadas correntes textualistas,

⁸ CULLER, Jonathan. *Literary theory: a very short introduction*. Oxford & New York: Oxford University Press, 1999, p. 23.

⁹ COMPAGNON, Antoine, op.cit. p. 257.

¹⁰ ANDERSON, Benedict. *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. 7. ed. London & New York: Verso, 2006, p. 12.

¹¹ *Idem*, p. 12: “Não estou advogando que o surgimento do nacionalismo no fim do século dezoito foi ‘produzido’ pela erosão das certezas religiosas, ou que essa erosão não requeira, ela própria, uma explicação complexa. Nem estou sugerindo que de algum modo o nacionalismo ‘suplanta’ historicamente a religião. O que estou propondo é que para compreendermos o nacionalismo devemos alinhá-lo, não a ideologias políticas estabelecidas autoconscientemente, mas aos vastos sistemas culturais que o precederam, fora dos quais – e contra os quais – o nacionalismo surgiu” (Nossa tradução).

mas também se volta para a vertente dos estudos de literatura comparada, cujas correntes multiculturalistas, neomarxistas e a imensa influência dos Estudos Culturais e Pós-coloniais formam abrangente escopo de indagações teóricas dessa pesquisa. Para não nos dispersarmos em demasia no *corpus* vasto e variado com que, inevitavelmente, lidaremos, passemos à apresentação dos dois autores aqui convidamos ao diálogo: Bruce Chatwin e Bernardo Carvalho. Essa escolha visa ainda estabelecer um campo de reflexões norteado por certos princípios. No caso, serão as demandas de algumas obras específicas desses dois autores que nortearão a qualidade e a relevância de certas “respostas” a provocações determinadas. Vejamos.

A análise inicial do romance *Nove noites*, de Bernardo Carvalho, nos conduz a determinados percursos, bastante produtivos, diríamos, no sentido de se estabelecer relações entre textos, quer sejam ficcionais ou teóricos. De forma mais objetiva, a relação intertextual que se estrutura entre o romance *Nove noites* e as narrativas de Bruce Chatwin já nos fazem divisar um determinado horizonte de expectativas. Logo de início, esse horizonte nos leva a indagar de que modo a problematização das relações entre ficção e história pode aproximar ambos os autores. O trânsito de gêneros da escrita seria um segundo ponto a requerer da Teoria uma resposta igualmente problemática. Além disso, um terceiro elemento, o entrecruzamento entre ficção e autoria, entre biografia e autobiografia faz das narrativas de Chatwin e Carvalho um verdadeiro palco de indagações acerca dos limites e alcances da literatura como discurso e do discurso histórico como narrativa que possui amplas possibilidades de diálogo com intercurso ficcional.

Nesse sentido, as fronteiras das disciplinas e os entrecruzamentos interdisciplinares se mostram inevitavelmente borrados nessas narrativas. Seria este um quarto ponto a demandar reflexões nem sempre tranquilas ou tranquilizadoras, visto que os campos histórico e literário passam por um delicado processo de reconstrução, redimensionamento e reaparelhamento de seus métodos e estatutos. E, por último, as obras dos dois autores, ao conclamar saberes aparentemente conflitantes, mas que se atraem, remetem os pesquisadores à prazerosa arena do ludismo, ou seja: não se perde de vista o caráter de jogo que ronda a literatura e, por isso, a literatura não demite da reflexão o ‘prazer’ do texto, como já há algum tempo nos mostrou Roland Barthes, nem o ‘gozo’. Portanto, literatura e história estabelecem campos de investigação onde o prazer da aventura teórica nas malhas da compreensão do literário não dissocia, mas sim incorpora texto e contexto. Não opõe literatura e teoria, nem estabelece visões dicotômicas que dissociem rigor e prazer. Em última instância,

o prazer do rigor e o rigor com prazer são vistos como forma lúdica da análise ficcional-literária, um caminho amplamente pavimentado pelas obras de Bruce Chatwin e Bernardo Carvalho, no qual as trilhas da história se entrecruzam. Assim, cada um desses cinco pontos delineados nos guiam na tentativa de uma síntese provisória.

Na história recente da disciplina, a Teoria Literária deparou sempre com as inevitáveis discussões entre texto e contexto, bem como com a problemática da função da literatura, o que em Platão e Aristóteles já definiam os futuros rumos do debate. O Estruturalismo, corrente dominante cujo êxito na França, durante os anos 50 e 60 do século passado provocou não somente uma reviravolta no campo da crítica e teoria literárias, também alicerçou o debate acerca das relações entre ciências humanas e as ditas ciências duras. Em sua introdução à *História do estruturalismo*, François Dosse afirma que “à glorificação de valores antigos, o estruturalismo terá oposto uma extrema sensibilidade para tudo o que foi recalcado nessa história ocidental, e não é um acaso se as duas ciências-faróis do momento – a antropologia e a psicanálise – privilegiam o inconsciente, o avesso do sentido manifesto, o reprimido, inacessível, da história ocidental”¹². Nesse sentido, a linguística desempenharia um papel central, fornecendo o estatuto científico necessário às ciências sociais, desideologizando, conforme Dosse, os antigos e arraigados pressupostos que nortearam a compreensão ocidental de mundo. Foi esse movimento que produziu, consolidou e fez aflorar uma geração de autores como Michel Foucault, Gérard Genette, Roland Barthes, Louis Althusser, Tzvetan Todorov, Pierre Bourdieu, Jacques Derrida, Julia Kristeva, Jean-Pierre Vernant, para ficarmos nos principais expoentes daquele período.

O progressivo encaminhamento do estruturalismo na controversa corrente pós-estruturalista trouxe a perspectiva da desconstrução constante como norteadora de um desafio a práticas seculares, abrigadas no guarda-chuva da metafísica. Seja pela alcunha de pós-modernismo, pelo epíteto de pós-estruturalismo, ou no imenso receptáculo da desconstrução, a voga estruturalista conheceu nos anos 80 o seu declínio e testemunhou o crescimento vertiginoso da onda comparatista, cuja versão mais atuante foi a dos Estudos Culturais. No lugar do suposto ‘esvaziamento da historicidade’ de que era acusado o estruturalismo, os culturalistas propunham um retorno a certa ênfase na crítica política, histórica e ideológica.

¹² DOSSE, François. *História do estruturalismo I: o campo do signo*. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p. 13.

Se a teoria pós-colonial redirecionou o foco das análises, o qual recaía antes na questão de classe, para o problema da etnicidade¹³, por outro lado impôs aos países recém-libertos do jugo colonialista uma série de problemas específicos da cultura do ocidente civilizado e colonizador. Resgatar o que a cultura oficial relegou à periferia do pensamento, portanto, foi uma das contribuições expressivas dos estudos culturais. Enfatizou-se a passagem da política à cultura e, com isso, ressaltou-se o valor das políticas de identidade e do discurso das minorias. Mas a antiga discussão entre norma e valor continua no palco do debate. Para o pessimismo pós-estruturalista, a inevitabilidade da norma faz com que homogeneizemos particularidades¹⁴, mas não se pode advogar a ideia de que as normas são sempre restritivas, conforme atesta o crítico Terry Eagleton: “Está convencionalizado que assassinos de crianças sejam punidos, que homens e mulheres que trabalham possam deixar seus empregos, e que ambulâncias em alta velocidade a caminho de um acidente de tráfego não sejam bloqueadas só porque quero que se lixem”¹⁵. Tais discussões acirram sobre o que chamamos de antinomias pós-modernas. Dentre elas, destaquemos o mantra pós-modernista de que devemos agir localmente e pensar globalmente, o que, em uma leitura bastante primária já acentuaria uma falsa oposição entre agir e pensar, entre pensamento local e reflexão global.

A rejeição pós-moderna das totalidades, quando estendida às grandes narrativas históricas, nos legou questionamentos e problemáticas tão importantes quanto de difícil negociação. Negando a primazia aos grandes eventos, à figura emblemática do ‘grande homem’, os movimentos da nova história se abrem virtualmente para toda a história humana¹⁶, revelando que a narrativa da historiografia em muito se assemelha aos processos narrativos da ficção. Daí que a distinção entre narrativa e estrutura, de difícil definição, dará lugar à reflexão sobre tipos de narrativa. Para Peter Burke, isso poderia ser chamado de o ponto de vista múltiplo, oriundo do posicionamento em relação ao local da fala e de quem fala, o que provoca determinada busca de um novo tipo de narrativa. Essa é uma das questões centrais com que terá que lidar o novo historiador¹⁷.

¹³ EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 26.

¹⁴ *Idem*, p. 29.

¹⁵ *Ibidem*, p. 30.

¹⁶ BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. 3. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2001, p. 11.

¹⁷ *Idem*, p. 336-338.

Quatro respostas¹⁸ vêm sendo dadas a essas indagações: a preocupação com micronarrativa, centrada na história de pessoas comuns em seu local de habitação; a ênfase na micro-história, esta centrada nas relações locais com tendências gerais; a proposta de uma escrita da história de frente para trás como um método possível; e, por fim, a análise das relações entre estruturas e acontecimentos, em que estes últimos seriam interpretados como portadores de traços culturais distintos. Recordemos neste conjunto de procedimentos a questão do ponto de vista múltiplo, essencial para se compreender as narrativas ficcionais contemporâneas. Este expediente aproxima história e ficção, sendo a ficção reconhecida por Burke como forma válida (e a ser encorajada) de se pensar a história, além do uso do fluxo da consciência como técnica narrativa válida para o historiador¹⁹, exemplos que comprovam a proximidade entre os saberes históricos e literários.

Conforme pensou Hayden White, as relações entre historiografia e literatura são difíceis e tênues, visto que, no Ocidente, ficção e história foram vistos como discursos distintos, estabelecidos na oposição real/ficcional. Para White²⁰, a afiliação da historiografia narrativa com a literatura e o mito, “should provide no reason for embarrassment, however, because the systems of meaning production shared by all three are distillates of the historical experience of a people, a group, a culture”²¹. A distinção entre ficção e história se daria por meio da forma, o que, conforme vimos com Burke e acentuado por White, não seria uma oposição válida. Para White²², as teorias do discurso recentes dissolvem a distinção entre discurso realista e ficcional, acentuando mais as semelhanças entre os discursos do que suas diferenças. É essa a posição do linguista Dominique Maingueneau, para quem “o texto é um artifício semanticamente “reticente”, que organiza de antemão as contribuições de sentidos que o leitor deve efetuar para torná-lo inteligível²³”. Decorrem dessa ideia as relações entre discurso literário, história e memória²⁴, além dos conceitos de transtextualidade, nos quais a intertextualidade como copresença de pelo menos dois textos e a hipertextualidade (texto anterior

¹⁸ *Ibidem*, p. 331-347.

¹⁹ *Ibidem*, p. 336.

²⁰ WHITE, Hayden. *The content of the form: narrative discourse and historical representation*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1990, p. 44.

²¹ *Idem*, p. 44: “[...] não deveria ser razão para embaraço, entretanto, pois os sistemas de produção de significado compartilhado por todas as três são destilados da experiência de um povo, de um grupo, de uma cultura” (Nossa tradução).

²² *Ibidem*, p. X.

²³ MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 21.

²⁴ MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 163.

exertado em um texto posterior) se destacam²⁵. Outros elementos relevantes seriam os enlaçamentos textuais, nos quais se destacam o que Maingueneau classifica como ‘fronteira do autor’, ‘mundo da obra’, ‘reflexos embaralhados’²⁶. Por fim, Maingueneau propõe uma pragmática do discurso literário que evite as armadilhas do psicologismo, do sociologismo e do formalismo excessivo, traçando, portanto, uma terceira via que insista “no caráter interativo e reflexivo do discurso em sua relação com as normas, restaurando o caráter institucional da atividade da linguagem ou mostrando a complexidade dos de decifração”²⁷.

Em nossa proposta de leitura, será em torno da gênese dos discursos²⁸ produzidos nas narrativas ficcionais de Bernardo Carvalho e Bruce Chatwin que a emergência da história em sua relação com a literatura estabelecerá um campo de questionamento abrangente.

A emblemática abertura do romance *Nove noites* nos move e guia: “Isto é para quando você vier. É preciso estar preparado. Alguém terá que preveni-lo. Vai entrar em uma terra em que a verdade e a mentira não têm mais os sentidos que o trouxeram até aqui”²⁹. A suposta carta, de onde retiramos a citação, pontua a narrativa, a todo o momento lembrando o leitor de seu papel constituinte na formação dos sentidos que a obra demanda. Para tanto, o leitor é conduzido a um mundo em que passado e presente se confundem e a história é contada de trás para frente, conforme propunha Burke.

As narrativas se estruturam por meio de cartas, depoimentos, documentação histórica, relatos e testemunhos, em uma mescla de discursos que tornam a reconstrução histórica algo de difícil estruturação. Como nos mostrou Benjamin³⁰, “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa “apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”. As relações entre discurso histórico e discurso ficcional se nutrem dessa interseção de questionamentos e nesse processo se estabelece o modo como o conhecimento histórico se cruza com o conhecimento literário na formação de uma narrativa híbrida.

²⁵ MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 27.

²⁶ *Idem*, p. 181-202.

²⁷ *Ibidem*, p. 205.

²⁸ MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

²⁹ CARVALHO, Bernardo. *Nove noites... op. cit.* p. 7.

³⁰ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 224.

Como intertexto privilegiado no texto de Carvalho, a narrativa de Bruce Chatwin recorta semelhante série contínua de relações: recriação ficcional dos eventos históricos; aproximações entre relato, testemunho e memória; diluição das fronteiras entre ficção e história; e a problemática das narrativas de viagens, imaginadas ou documentais, como fonte histórica.

Carvalho problematiza dois momentos históricos, em *Nove noites*: o período do governo Getúlio Vargas e os eventos do 11 de setembro, em Nova Iorque. Na interseção histórica entre 1939 e 2001, o romance discute as relações entre história e ficcionalidade nos moldes do que, na narrativa de Bruce Chatwin, se manifesta através da discussão do papel do autor: da mesma forma que a vivência de Chatwin como antropólogo e etnólogo bissexto geraram seus romances e relatos de viagem, a condição de repórter de Carvalho é ficcionalizada em *Nove noites*. A personagem central desta obra, o americano Buell Quain, também ele um viajante, dada a natureza de sua profissão, é o protagonista da saga do repórter-narrador no desvendamento daquilo que “o passado enterrou”³¹. Conforme mostrado por Peter Burke, o ponto de vista múltiplo e o local da fala e de quem fala são essenciais para a problematização da questão das verdades históricas e da verdade como possibilidade histórico-filosófica. Daí a importância do trânsito de gêneros da escrita, a espelhar o ponto de vista múltiplo, tão caro à Nova História e não menos importante para a compreensão das narrativas ficcionais contemporâneas.

A inserção das relações entre autor e obra, muito explorada na ficção atual, compõe, na obra de Chatwin e Carvalho, uma poética que distende a discussão sobre o papel da autoria. Também actante no que Pierre Bourdieu³² classificou de *campo intelectual*, a discussão que se trava aqui é a da autonomia da intenção criadora e de seu papel na constituição dos processos artísticos, além da autobiografia como elemento fundador de certa vertente ficcional hodierna.

Visto como parte de um processo determinado pelas relações dentro do campo intelectual a que pertence, o autor é uma das partes deste campo, partes interdependentes, embora não em mesmo grau e importância. Na medida em que o autor se desloca no campo intelectual para se autoficcionalizar, esse papel duplo reforça a emergência da redefinição do conceito de autoria e da autobiografia como questão a ser repensada, reapropriada. Conforme um dos grandes teóricos da questão,

³¹ CARVALHO, Bernardo. *Nove noites...op. cit.* p. 7.

³² BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual y proyecto creador. In: POUILLON, Jean (Org.). *Problemas del estructuralismo*. México: Siglo XXI, 1967, p. 135-182.

“l’histoire de l’autobiographie, ce serait donc, avant tout, celle de son mode de lecture”³³.

Novamente, aqui, retornamos às interseções entre movimentos teóricos diversos. Se o modo de leitura estabelece na cena teórica o leitor como elemento de destaque do campo intelectual, como vimos em Lejeune, sua posição permanece, ao mesmo tempo, dentro e fora da obra. Como autor, participa do campo intelectual sob certas condições; como personagem ou narrador, o autor se autoficcionaliza, participando do universo da obra, colocando-se, paradoxalmente em um *entre-lugar*, no qual as fronteiras entre o ficcional, o biográfico e o histórico requerem do leitor atenção às particularidades destas formas ficcionais de discurso, a demandar leituras cerradas (*close readings*) das narrativas em questão. Na bela e sintética definição de Bourdieu, “el intelectual está situado histórica y socialmente, en la medida en que forma parte de un campo intelectual, por referencia al cual su proyecto creador se define y se integra, en la medida, si se quiere, en que es contemporáneo de aquellos con quienes se comunica y a quienes se dirige con su obra, recurriendo implícitamente a todo un código que tiene en común con ellos – temas y problemas a la orden del día, formas de razonar, formas de percepción, etc.”³⁴.

As considerações de Bourdieu, aliadas à problemática da paratopia³⁵ do escritor, nos remetem às questões das relações entre obra, autor e mundo, o que de certa forma retoma o primeiro ponto de nossa reflexão – as relações entre ficção e história – ao lado das sempre presentes interrogações sobre forma e conteúdo, representação e real. Vida e obra se articulam e indissociam na ficção de Bruce Chatwin. O modelo de escritor paratópico, performatizado por Chatwin e com ressonâncias na ficção de Carvalho, nos demanda um campo de investigação bastante problemático, porém altamente instigante, sobretudo pela aventura e risco em que crítico e teoria incorrem.

Maingueneau³⁶ diz que “a literatura mostra-nos que a obra age sobre seu autor, que o ato de enunciação transforma o enunciador” e essa ação, especialmente no tocante ao autor na modernidade – cujo

³³ LEJEUNE, Philippe. *Le pacte ... op. cit.* p. 46. “A história da autobiografia seria, portanto, acima de tudo, a de seu modo de leitura” (Nossa tradução).

³⁴ BOURDIEU, Pierre. *op. cit.* p. 172.

³⁵ Termo problemático, esmiuçado em MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da ... op. cit.* e assim definido por Maingueneau e CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de análise do discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 368-369 “Noção introduzida por Maingueneau (1993) para designar a relação paradoxal de inclusão/exclusão em um espaço social que implica o estatuto de locutor de um texto que decorre de discursos constituintes. É uma difícil negociação entre o lugar e o não-lugar, uma localização parasitária que vive da própria impossibilidade de se estabilizar”.

³⁶ MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para... op. cit.* p. 183.

caso apontado pelo linguista é a já clássica questão dos heterônimos de Fernando Pessoa – requer uma compreensão renovada e que inclua a noção de paradoxo. Os modos de inserção do escritor no campo literário devem ser pensados em conjunto com os fenômenos que comportam a complexidade dos outros elementos que estruturam esse mesmo campo: gêneros, correntes literárias, traçados biográficos, suportes etc. Daí que a posição do escritor é sempre paratópica, visto que deve ocupar um lugar no campo literário, sendo essa localização problemática, “uma localização parasitária que vive da própria impossibilidade de se estabilizar”³⁷.

Nas obras de Carvalho e Chatwin, essa condição se estabelece por meio da representação do autor como suposto narrador ou personagem (em Bernardo Carvalho), ou na qualidade de cronista e ensaísta (no caso de Chatwin), desmaterializando limites entre autoria e ficcionalidade, entre representação e real. Daí que, em ambos os romancistas, a metaficção historiográfica, nos moldes propostos por Linda Hutcheon é antes uma problemática e só então uma poética, a qual rejeita totalizações. São “o conhecimento histórico, a subjetividade, a narratividade, a referência, a textualidade e o contexto discursivo”³⁸ que definem tal poética. Diríamos ainda que, ao lado dessas questões, devemos colocar em debate a situação de paratopia do escritor, a qual demanda uma linha de investigação que, paradoxalmente, o retira e devolve ao campo literário com que problematicamente interage e negocia, lembremos Maingueneau.

Neste lugar fronteiro, é inevitável que também as disciplinas e os entrecruzamentos interdisciplinares sejam inevitavelmente borrados em tais gêneros de narrativas. A profissão de fé de Roland Barthes³⁹, para quem a literatura assume muitos saberes, os da *mathesis*, da *mimesis* e da *semiosis*, faz-se soar nos reclames da obras de Bruce Chatwin e Bernardo Carvalho: não somente os saberes da história, da antropologia, da teoria literária, etnografia, geografia, e mesmo um saber social, técnico, mas aqueles saberes oriundos dessa junção inter, multi e transdisciplinar.

Às fronteiras do texto agregam-se os campos disciplinares interrelacionados, desconstruídos, com áreas porosas e movediças. Daí que, ao termo clássico de imitação, as literaturas de Chatwin e Carvalho requisitam híbridos conceituais, como a noção de negociação, mais apropriadamente, “uma visão de baixo para cima”⁴⁰, em que novas identidades participam dos processos de contrapartida cultural. Nesse

³⁷ MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da ... op. cit.* p. 28.

³⁸ HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p. 289.

³⁹ BARTHES, Roland. *Aula*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1987, p. 18.

⁴⁰ BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. 2. ed. São Leopoldo: UNISINOS, 2008, p. 48.

sentido, o texto contemporâneo mostra o caráter inevitavelmente político da literatura que, com seu alcance de jogo, desafia as estruturas de poder: “Essa trapaça salutar, essa esquivia, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem”, conforme bem definiu⁴¹.

Chegamos finalmente à questão do jogo como “trapaça salutar”. Como breves exemplos, as obras *The Viceroy of Ouidah* (de 1980) e *Anatomy of restlessness* (publicado postumamente, em 1996) são exemplares da relação entre jogo e literatura, compreendida como gozo e poder de trapaça, o logro a que alude Roland Barthes.

Em *The Viceroy of Ouidah*, Chatwin negocia com a história de Francisco Manoel da Silva, personagem criado a partir da biografia de Francisco Félix de Souza (1754 – 1849), comerciante de escravos de origem portuguesa, conhecido por atuar no mercado de escravos mesmo depois de findo o comércio negroiro⁴². A vida de Souza (da Silva, para Chatwin) possui contornos épicos, satíricos e burlescos, além de requerer estudo histórico adequado à compreensão dos processos de colonização e da formação das elites brancas nas transações culturais, econômicas, políticas e sociais entre África, Brasil e Europa. Conforme Edward Said nos mostrou, uma nova base de estudos das práticas humanistas deve acolher a diversidade dos fenômenos culturais, já que toda a cultura “está passando por um processo maciço de autodefinição, autoexame e autoanálise, tanto em relação ao presente como ao passado: na Ásia, na África, na Europa, na América Latina⁴³”.

Já na série de artigos publicados após sua morte, Chatwin, em *Anatomy of restlessness*⁴⁴, nos diz que: “Art, like language, is a communication system. But unlike language it overrides linguistic and cultural barriers⁴⁵”. Esse caráter desconstrutor, já por nós aludido e exemplificado, especialmente com Barthes, estabelece o jogo como forma

⁴¹ BARTHES, Roland. *Aula... op. cit.* p. 16.

⁴² Não é nossa pretensão, nessa pesquisa, estabelecer um questionamento aprofundado acerca das questões relacionadas à literatura e história africanas. A história nos interessa e move a partir das necessidades de compreensão do jogo entre ficção e real. Para maiores detalhes acerca do personagem criado por Chatwin (o histórico e o ficcional), ver CHATWIN, Bruce. *The Viceroy ...op. cit.*; LAW, Robin. A comunidade brasileira de Uidá e os últimos anos do tráfico atlântico de escravos, 1850-66. *Afro-Ásia*. Salvador, UFBA, n. 27, 2002, p. 41-77; e LAW, Robin. A carreira de Francisco Félix de Souza na África Ocidental (1800-1849). *Topoi*. Rio de Janeiro, UFRJ, mar. 2001, p. 9-39.

⁴³ SAID, Edward. *Humanismo e crítica democrática*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 46.

⁴⁴ CHATWIN, Bruce. *Anatomy of ... op. cit.* p. 178.

⁴⁵ “A arte, como a língua, é um sistema de comunicação. Mas, ao contrário da língua, ela ultrapassa as barreiras linguísticas e culturais” (Nossa tradução).

de atuação, dentro e fora do poder, dentro e fora da história, dentro e fora da ficção, ao mesmo tempo: dentro e fora, não a oposição dentro/fora, exterioridade de bolso, mas a indecidibilidade, modo de jogo. Daí que a mescla de discursos – cartas, depoimentos, memória, testemunho, ficção etc. – é parte importantíssima desse universo, estabelecendo em suas bordas as formas de desconstrução do discurso histórico ao lado da crítica aos essencialismos de reminiscências românticas. Esse movimento é confirmado pelo processo de pulverização do papel do autor, da noção de autoria e de autoridade.

Tais questões são latentes em *Nove noites*, de Bernardo Carvalho, cuja correspondência com o modo de ficcionalização da história aqui nos interessa. Elas estruturam um modo dialógico, que se articula com a tradição ficcional moderna, cujas origens remontam a Joseph Conrad e mais recentemente foram atravessadas pela literatura de Bruce Chatwin. Mais sutil do que seus contemporâneos David Leavitt, Cólum Tóibín, e do que os não tão contemporâneos, J. M. Coetzee e Edmund White, Bernardo Carvalho articula um jogo dos mais férteis entre biografia, autobiografia, história, ficção e intertextualidade.

No romance em questão encontramos mecanismos articuladores dessas relações por meio da análise da terceira margem construída por meio de um arcabouço ficcional que: inscreve o saber histórico nas malhas do saber ficcional; retoma a tradição, a desconstrói e com ela dialoga criticamente; cria um jogo ficcional entre autor-narrador-leitor sem concessão a nenhum dos três; conclama um crítico ao mesmo tempo atento à tradição e desconfiado, espécie de modelo de intelectual não-profissional, como defendia Said (ver especialmente SAID, 1996), pensador que se inscrevia em uma nova espécie de categoria intelectual, provisoriamente chamada aqui – tomada de empréstimo a teoria de Maingueneau – de ‘intelectual paratópico por missão’. Nesse sentido, Carvalho estabelece, por meio da linguagem literária, aquilo que Said entende como uma característica comum a todas as culturas: “um forte veio de dissenso antiautoritário radical”⁴⁶.

Nesta confluência entre a leitura comparada de Carvalho e de Chatwin, auxiliados pelas demandas desses dois autores em suas construções híbridas, responderemos, sempre de forma parcial e provisória, bem o sabemos, a questão: quais respostas pode a Teoria Literária dar às interrogações apresentadas pelas ficções dos dois autores aqui chamados ao diálogo? Que caminhos, diferenciados e estimulantes, são trilhados pelos autores e de que modo encontram esteio no pensamento crítico?

⁴⁶ SAID, Edward. *Humanismo e ... op. cit.* p. 48.

Transitaremos em um espaço diferenciado e estimulante, dialogando com culturas, obras, autores, temáticas e reflexões aparentemente distantes, geográfica e filosoficamente, mas que orbitam no universo de perplexidades teóricas de nosso tempo, classificado genericamente de contemporaneidade.

A ficção demanda a história: articulações teóricas

Bruce Chatwin e Bernardo Carvalho são autores próximos, historicamente. A morte prematura de Chatwin, aos 49 anos, impediu que a escrita dos dois autores se cruzasse temporalmente, mas a poética de ambos os aproxima. O diálogo possível e necessário entre os dois autores fundamenta um tipo singular de vizinhança teórica, visto que suas obras requerem um diálogo permanente com as questões urgentes da contemporaneidade.

Dentre essas questões, elegemos a literatura de viagem, a autobiografia e a história como linhas de força privilegiadas. Chatwin se vale de um dito de Pascal para estabelecer uma teoria geral do homem como “máquina migrante”⁴⁷. Esta máquina que, segundo ele, impulsiona o sistema nervoso central do homem, faz com que a caminhada humana seja um *destino*. A tensão entre o instinto gregário, que faz com que o homem fixe raízes, e seu impulso migrante está na origem da violência, da busca por status e da mania pelo novo, o que explicaria o porquê de sociedades nômades serem mais igualitárias e, ao mesmo tempo, mais impermeáveis.

Para Carvalho, o impulso migrante vem formando sua poética ficcional, desde *Onze: uma história*, romance de 1995, até o mais recente *O filho da mãe*, de 2010. É uma espécie de literatura que, dentre tantas características, possui a paixão pelo mapa, o gosto das viagens e da dissecação da alma dos viajantes. Mas esse mapa e esses viajantes se encontram em meio a um mundo em que a liberdade incondicional do nômade se vê inserida em um contexto histórico que torna a mobilidade problemática. Por isso, sua literatura é política quando mostra que, lado a lado com a ideia globalizadora de um mundo sem fronteiras, o que nos deparamos é sempre com o fronteiro e não com a liberdade incondicional inscrita no destino do caminhante, bem traduzida na frase de Chatwin, que dá título a uma obra póstuma sua: “Anatomy of Restlessness” (Anatomia do Infatigável). O que pode então a literatura, senão estabelecer um lugar possível em um mundo cuja questão do lugar

⁴⁷ CHATWIN, Bruce. *Anatomy of ... op. cit.* p. 12.

é tanto o princípio da democracia quanto da intolerância, base de uma possível ética planetária e mote para as ações antilibertárias?

O esforço de Chatwin e Carvalho, ao estabelecer um lugar do possível, nos impulsiona a pensar a questão da paratopia do autor⁴⁸ como ponto de partida para a compreensão das relações entre autobiografia, literatura de viagens e história. A inquietude – expressa na definição de Carvalho⁴⁹, de que escreve para criar um mundo em que possa caber, o que poderia ser confundida com a queda em certo essencialismo romântico – faz com que loucura e literatura, segundo o ficcionista, se associem para criar um mundo “encoberto por aquilo que nos acostumamos, pelas convenções a chamar de mundo⁵⁰”. Em Chatwin, essa mesma disposição o faz questionar os limites e possibilidades da literatura, vista não como ideia ou ideal de autor, mas como única ocupação cabível a uma pessoa supérflua, como define o autor⁵¹.

Portanto, a relação paratópica entre escritores e campo literário nos motiva a investigar o que Maingueneau chama de aporia do papel do escritor no campo intelectual, algo problemático na medida em que há uma “negociação difícil entre o lugar e o não-lugar, uma localização parasitária, que vive da própria impossibilidade de se estabilizar”⁵². Essa localização problemática do escritor torna compreensível a recusa de Bernardo Carvalho em definir os autores com quem possui ligações afetivas, evitando, assim, estabelecer-se na órbita da influência, como pensa Harold Bloom, o que poderia, segundo ele, levar ao desinteresse pelos seus livros. Entretanto, por outro lado, talvez pudéssemos negociar com o pensamento de Bloom, para quem “talvez ainda seja possível construir um humanismo fundado no *estudo da literatura* – num estudo mais completo do que o que já se fez até hoje – mas nunca sobre a literatura em si, ou qualquer imagem idealizada de suas características implícitas”⁵³.

Um estudo mais detido das poéticas de Chatwin e Carvalho já demanda, de nossa parte, uma metodologia voltada especialmente para o processo e a natureza da discussão literária, em si, hoje. Se Bloom vê uma espécie de humanismo fundado no estudo da literatura como

⁴⁸ Ver em MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da ... op. cit.* e MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para ... op. cit.*

⁴⁹ PELLANDA, Luís Henrique (Org.). *As melhores entrevistas do Rascunho*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2010, p. 28.

⁵⁰ CARVALHO, Bernardo. O agente da solidão. In: PELLANDA, Luís Henrique (Org.). *As melhores entrevistas... op. cit.* p. 30.

⁵¹ CHATWIN, Bruce. *Anatomy of... op. cit.* p. 14.

⁵² MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da ... op. cit.* p. 28.

⁵³ BLOOM, Harold. *A angústia da influência: uma teoria da poesia*. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p. 123.

possibilidade de reconstrução, Edward Said localiza essa reviravolta humanista na relação entre democracia e cultura, em que a literatura possui papel central. Para Said, o estudo da literatura suplementa o autoconhecimento, estimulando nossa capacidade autocrítica.

Segundo Edward Said, “tanto o humanismo como a literatura, compreendidos como o estudo dedicado de escritos bons e importantes, têm uma relação especialmente próxima entre si”⁵⁴. Entretanto, humanismo e literatura têm sido associados a um clube seletivo em que poucos são admitidos, por um lado; por outro, ficou estabelecido que somente obras “difíceis” ou raras seriam merecedoras de atenção, e que o isolamento das obras do mundo real e da participação política seria necessário para se estabelecer uma suposta verdade do texto, argumento rejeitado por Said, quando defende a ideia de que não há “nenhuma contradição entre a prática do humanismo e a prática da cidadania participativa”⁵⁵, o que se estende ao estudo da literatura. Said conclui dizendo que há uma “uma conexão frequente, mas nem sempre admitida, entre o humanismo como uma atitude ou prática associada amiúde a elites muito seletivas, sejam religiosas, aristocráticas ou educacionais”, formando uma espécie de clube, com um “conjunto de regulamentos proibindo qualquer coisa que poderia aumentar os membros do clube”⁵⁶. Tal veio democrático nos auxilia na investigação acerca do papel do escritor, levando a questão da autobiografia também ao campo político-ideológico e não somente ao campo das questões mais pertinentes à relação autor-texto, expandindo-a para a discussão do escritor: como sujeito paratópico de um campo intelectual; como revelado como indivíduo através da leitura de sua obra⁵⁷; como intelectual representado, ora como orgânico e participativo, ora como idealista e conservador, dependendo da posição que ocupa no campo intelectual; e, por fim, como sujeito fronteiriço, “filho de seu próprio filho”, na bela definição de Maingueneau (1996, p. 185), isto é, gerado por seu próprio texto.

Tais discussões requerem compreensão e análise do papel da Teoria Literária e da História no contexto atual da ficção e da crítica. À retirada estruturalista, assistimos a uma crescente politização dos discursos, bem exemplificada no seminal trabalho de Edward Said, *Orientalism*⁵⁸, um dos impulsionadores da crítica pós-colonial e do retorno da ideia humanista, a qual parecia, se não liquidada, ferida de morte⁵⁹.

⁵⁴ SAID, Edward. *Humanismo e ... op. cit.* p. 35.

⁵⁵ *Idem*, p. 42.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 35.

⁵⁷ Ver em LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. 2. ed. Paris: Seuil, 1996, p. 42.

⁵⁸ SAID, Edward. *Orientalism*. New York: Vintage Books, 1979.

⁵⁹ DOSSE, François. *História do ... op. cit.* p. 421-431.

Na obra de Maingueneau, entretanto, o alcance do contexto não se dissocia de certa veia da herança estruturalista, como o pensamento de Bourdieu, e alia a esse percurso recente uma espécie interessante de atenção ao mundo exterior, entretanto, salientando que esse fora não é uma exterioridade de bolso, mas um mundo instituído pela obra, imitado por seu discurso⁶⁰. Daí que é preciso, sempre, reconhecer como fundamentais os estudos sobre a arquiteculturalidade dos textos, por exemplo⁶¹ sem perder de vista o alcance de pesquisas como as de Maingueneau, acerca de uma pragmática do discurso literário, bem como sua compreensão das questões demandadas pelas relações entre texto e contexto; e das condições de produção de discurso que compreendam “fundamentalmente os sujeitos e a situação”⁶².

As relações entre ficção e história nos levaram à obra de Peter Burke como um primeiro espaço significativo de investigações. Se no campo dos discursos históricos Burke afirma que a história estrutural enriqueceu e expandiu a reflexão, muitos estudiosos consideram que o abandono da narrativa também empobreceu a escrita da história⁶³. Reconhecendo a contribuição da narrativa ficcional para uma renovação do campo dos discursos da história, Burke reconhece a inclusão das micronarrativas; as ligações entre a micro e a macro-história; a escrita da história do presente para o passado; e a negociação entre estrutura e narrativa como quatro respostas possíveis aos problemas provocados pela tensão entre estruturalismo e narração.

A essa reflexão também não se furta Hayden White⁶⁴. A relação entre texto-contexto, pressuposição da investigação histórica, passa a ser também um fator da análise de outros discursos – dentre eles, o que privilegiamos, aqui, o discurso literário – e a indecidibilidade decorrente da natureza dessa problemática requer do historiador atenção para outras formas paradigmáticas de discurso. Do mesmo modo, o discurso literário deve dialogar com as questões advindas do saber histórico para que se estabeleçam novas relações de saber, o que Peter Burke entende por “hibridismo cultural”, ou seja, uma variedade de objetos hibridizados, termos e teorias, situações, reações e resultados ou consequências.

Na análise dos romances propostos, a questão da história requer de nós um diálogo permanente com a teoria. Valendo-nos da reflexão de

⁶⁰ MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para ...op. cit.* p. 185.

⁶¹ Para o conceito de arquiteculturalidade, ver GENETTE, Gérard. *Palimpsestes*. Paris: Seuil, 1982.

⁶² ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2000, p. 30.

⁶³ BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da... op. cit.* p. 347.

⁶⁴ Cf. WHITE, Hayden. *The content of... op. cit.*

Luiz Costa Lima⁶⁵, trataremos “da diferenciação entre os discursos da história e da literatura”. Não é suficiente estabelecer campos, limites e alcances entre história e ficção, mas é preciso também compreender de que modo Carvalho e Chatwin criam um entre-lugar no qual os discursos se antagonizam e complementam. Autores desse tipo estruturam uma “ficção do desassossego”⁶⁶ pela qual “pensar, olhar e andar tornam-se ideias em migração, no tempo e no espaço, de uma nova forma de conceber o sujeito e a subjetividade”. Ao risco de “o intelectual, a arte e o pensamento se isolarem do mundo”, opõe-se o modelo de intelectual, ao mesmo tempo amador e especializado, paratópico e comprometido com a autoreflexão que, conforme sublinham Helena e Pietranni, via Hannah Arendt, constrói uma configuração que define a presença do homem em face do outro.

Esse outro, radicalmente ficcionalizado por Chatwin e Carvalho, é uma espécie de eludido da questão, alguém próximo à imagem do subalterno a quem não se deu voz, do dizer de Lucia Helena: “as culturas a que não se deu voz, ou as que não puderam conquistá-la, vêm à tona com a força do retorno do recalçado”⁶⁷. Persiste, no entanto, nessas considerações, uma questão proposta por Gayatri Spivak⁶⁸: pode o subalterno falar? E se pode, de que modo ele fala? Por que meios? Spivak traz à cena histórica a antiga questão da representação em sua dupla configuração: representação como um “falar-por” e representação como o “re-presentar”, ou seja, representação como persuasão (falar-por) e como tropologia, estudo da figura (retrato). Nessa dupla configuração, a literatura *reapresenta* a discussão que se estabelece entre um saber político, descrito no sentido atribuído politicamente ao conceito de representação como um falar-por; e entre a representação como figura, instância da arte que se configura onde o exterior se deixa apanhar pela língua, no sentido conferido por Roland Barthes⁶⁹ à noção de *texto*: “Se a semiologia de que falo voltou então ao Texto é que, nesse concerto de pequenas dominações, o Texto lhe apareceu como o próprio índice de despoder”.

Não se quer, com isso, essencializar a literatura, nem conferir a ela um poder mágico ou recuperar o idealismo platônico que ao longo dos

⁶⁵ LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 27.

⁶⁶ HELENA, Lucia. *Ficções do desassossego: fragmentos da solidão contemporânea*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2010, p. 17.

⁶⁷ HELENA, Lucia. *Literatura, intelectuais e a crise da cultura*. Rio de Janeiro: Contra Capa; CNPq, 2007, p. 18.

⁶⁸ Ver em SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the subaltern speak? In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (Eds.). *Marxism and the interpretation of culture*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1988.

⁶⁹ BARTHES, Roland. *Aula... op. cit.* p. 35.

séculos a rondara, mas sim dar-lhe um lugar no estatuto do pensamento: lugar que é entre-lugar no qual os discursos produzidos nessa brecha negociam formas de diferença, estratégias de desmascaramento dos poderes – seculares, políticos, da linguagem – e dos limites textuais, históricos e autobiográficos.

Nossa fundamentação teórica não pode se furtar a questões pontuais, inerentes ao processo de interlocução dos diversos saberes, especialmente em um contexto intertextual cuja marca é a abertura infinita do texto literário para tudo o que é outro, alteridades. Nesse sentido, destacamos a necessidade do estudo e da compreensão dos elementos factuais que demarcam as relações entre literatura e história.

Dos trabalhos mais relevantes acerca das relações entre ficção e história para a compreensão do movimento serpenteante das questões históricas presentes na obra *The viceroy of Ouidah*, destacamos os estudos de Robin Law⁷⁰ sobre o tráfico de escravos na África. Law discute, em trabalho abrangente e essencial para a compreensão das questões históricas ficcionalizadas por Chatwin, a dificuldade dos historiadores em estabelecer fontes precisas para uma visão mais próxima possível da realidade do objeto estudado, no caso o brasileiro Francisco Félix de Souza. Segundo Law⁷¹, “é difícil para o historiador soldar, retrospectivamente, as duas faces da carreira de Francisco Félix, pela natureza limitada dos dados existentes. Qualquer tentativa de rastrear e explicar a vida de nosso personagem tem de basear-se numa combinação das fontes europeias que lhe são coetâneas com as tradições orais de Ajudá”.

A ficção de Chatwin, atuando nessas interseções, impõe ao pesquisador o estudo de um instrumental capaz de lidar com as possibilidades abertas pelo discurso literário no recorte histórico, instituindo-se como instância de saber suplementar, e que pode iluminar não somente o debate texto/contexto, mas também a problemática das formas narrativas e sua importância na construção do conhecimento.

Ressaltemos que, ao trazer a história do Brasil para sua ficção, Chatwin nos remete ao campo literário em que Bernardo Carvalho se movimenta. Como em Chatwin, Carvalho insere a história de outras nações e culturas em sua prosa de ficção – apesar dos protestos certa parte da –, de forma a criar extensas linhas de análise e estudo acerca dos *entre-lugares* estabelecidos. Melhor dizendo, nas margens dos intertextos e das relações intratextuais e dos interdiscursos, Carvalho se apropria de diversos gêneros textuais e do discurso, recriando-os ou subvertendo suas

⁷⁰ Ver LAW, Robin. *A comunidade ...op. cit.* p. 41-77; e LAW, Robin. *A carreira de ... op. cit.* p. 9-39.

⁷¹ LAW, Robin. *A carreira ... op. cit.* p. 9.

bases consolidadas, inserindo a história no campo da imaginação criadora por meio de artifícios, jogos verbais e discursivos, já que “literatura é artifício, e daí que há sempre um grau de razão, de pensamento, de construção, por mais camuflado que esteja”, diz Carvalho⁷².

Para o estudo das características da obra de Carvalho no circuito intelectual contemporâneo, bem como do mapeamento da literatura contemporânea, é de importância o trabalho de Karl Erik Schollhammer. Nele, lemos que

[...] os personagens de Carvalho estão em movimento de investigação dos fatos e dos eventos que escreveram suas histórias e fornecem pistas que levam à origem familiar e à identidade, mas sempre numa construção de realidade realista apenas em aparência e que, no desenrolar dos eventos, vai perdendo verossimilhança e congruência⁷³.

Não é de admirar a semelhança com a citação de Robin Law, acerca da fragilidade da recuperação dos dados históricos na construção de uma verdade acerca do passado. Como demonstrou Burke, o método histórico atual tem como uma de suas marcas fundamentais a recriação do passado de frente para trás. Em Carvalho, essa apreensão é traduzida pelo que o escritor chama de jogos verbais, discursivos, ficcionais.

Finalizando, podemos dizer que é a questão do conhecimento *tout court* o que se configura nos estudos comparados das relações instituídas pelo texto literário, mais especificamente, neste nosso caso, com a história. Conforme Fillola, é preciso

[...] dotar al alumno de unos conocimientos de metacognición sobre sus procesos receptores que le permitan: a) sistematizar, identificar y catalogar rasgos y elementos claves para la comprensión y asociación de aspectos artísticos [...] d) concienciarlos de la funcionalidad de la problemática para detectar y determinar algunas de las posibles interconexiones⁷⁴.

Portanto, não somente o estudo comparatista visando ao estabelecimento de seus estatutos, mas a importância do comparatismo na criação de campos intertextuais de saber, de ampliação das fronteiras interdisciplinares e transdisciplinares fazem parte da área de irradiação de toda a relação interdiscursiva e interdisciplinar. Relação fronteira,

⁷² Apud PELLANDA, Luís Henrique (Org.). *As melhores entrevistas ...op. cit.* p. 34.

⁷³ SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 35.

⁷⁴ FILLOLA, Antonio Mendoza. *Literatura comparada e intertextualidad*. Madrid: Editorial La Muralla, 1994, p. 94.

problemática, e que traduz certas perplexidades que a investigação literária, histórica e teórica deve iluminar.

Conclusão

O estado preliminar das questões trazidas ao debate, aqui, se deve a um começo de trajetória de pesquisa e investigação crítica no qual o estatuto do literário em suas relações com as formas de compreensão histórica já se mostra atuante, embora carente de aprofundamentos.

Dotar os estudos literários de um campo de interrogações que privilegiem o discurso histórico ainda parece ser um longo caminho a percorrer. Com a discussão travada, vemos que os contornos de uma literatura como a de nossa época, a contemporânea, marcada intensamente pela inserção das obras em um contexto global e pela inclusão do autor no campo intelectual sob uma rubrica paratópica, já é em, em si mesma, motivo para problematizações as mais diversas. Tais inquietações recortam a história literária e, por meio dela, chamam ao discurso crítico os sujeitos eludidos e as questões negligenciadas.

História e Literatura, guardadas as suas especificidades, são matérias relacionadas, cujos contornos se entrecruzam em algum momento. Mistério e identidade são os princípios de toda viagem, bem como servem para que entendamos as relações históricas no campo literário como instáveis, porém produtivas. Ao final, é o contexto de produção, de saber, de dúvida, de desmascaramento dos processos de essencialização dos saberes o que se anuncia em todo discurso teórico.

Assim, esperamos que uma conclusão seja, quando não mais, abertura. E que o movimento do *continuum* histórico possa também significar o toque de recolher das verdades arraigadas, o que, no texto literário, foi e é condição dada por sua forma e fundo.

